

VIDA URBANA

Filhos da cidade grande, da falta de emprego e da impossibilidade de estudar, os engraxates de Brasília lustram os sapatos do poder. A profissão não existe em lei, é bico para crianças e para adultos também

“Vai graxa, patrão?”

DALLA GÖES
DA EQUIPE DO CORREIO

Em comum, eles têm a pobreza, muitos irmãos, uma mãe que sustenta a casa quase sozinha, um pai que pouco ajuda, os estudos pela metade. Aprenderam o serviço ainda crianças: por volta dos 6, 7 anos. Fábio, Zaqueu, Nelson e Márcio são en-

graxates. Difícil saber quantos existem iguais a eles no Distrito Federal. Não há números oficiais, nenhuma contagem. Engraxate, na lei, não é trabalho. É ofício. Não tem carteira assinada, horário para começar ou terminar.

Alguns garotos têm o privilégio de trabalhar no projeto Pequeno Engraxate, da organização não-governamental Moradia e Cidadania, que existe há cinco

anos. Até agora foram atendidos cerca de 30 meninos entre 16 e 18 anos, que ganham um salário mínimo por mês.

Eles estão nas ruas, em barbearias, salões, restaurantes. Cobram preços diversos, mas têm os mesmos sonhos: terminar a escola, ganhar muito dinheiro, ajudar a família, conhecer o mundo. São orgulhosos do que fazem. Com os R\$ 30 que ganham por dia compram es-

covas, flanelas e latas de graxa. É quase uma por semana: preta, incolor e caramelo. Contam que não adianta apelar para a marca mais barata. O cliente é exigente, gosta de coisa boa. E lá se vão R\$ 5, às vezes mais, em 20 gramas de tinta para sapato.

Também ajudam a família. Fábio tem filho, mãe e 14 irmãos. Zaqueu paga as contas de casa, deposita um pou-

quinho na poupança e, de vez em quando, sobra um agrado para a mulher. Nelson trabalha para ele mesmo. O que ganha gasta com lanche, roupa, passagens de ônibus. Márcio entrega o dinheiro à mãe. A vida dos quatro não é fácil. E além da dureza, têm outro ponto em comum: a resposta na ponta da língua quando perguntados pelo futuro. “É ser feliz, né?”

ELES QUEREM MUITO MAIS

Zaqueu de Oliveira Braga de Matos, 18 anos

- Engraxate há 7 anos
- Gasta 2 minutos e 36 segundos em um par de sapatos
- Cobra R\$ 3
- Está nas galerias do Hotel Nacional

Em bom português, Zaqueu explica por que trabalha de terno: tem um público alvo, um foco. São os turistas e executivos que passam de segunda a sexta-feira pelas galerias do Hotel Nacional. Gente bem arrumada e apressada, com pouco tempo a perder. Por isso, o engraxate desenvolveu uma técnica especial com a qual deixa os sapatos alheios brilhando em apenas dois minutos e 36 segundos. Às vezes, menos. Às vezes, chega aos três minutos. Se passa disso, pede desculpas. Milhões de desculpas. Seu público alvo, seu foco, como gosta de repetir, já tem os sapatos mais ou menos lustrados. Por isso, Zaqueu investe menos tempo que a concorrência. “É a experiência”, brinca.

Zaqueu não tem caixinha de madeira, mas uma pasta preta bem equipada que nem de longe parece instrumento de trabalho de engraxate. Como trabalha perto de um café, os clientes sentam-se na cadeira e Zaqueu trabalha com os sapatos nas mãos. Dentro da superpasta, alicate, pincel, luvas, três escovas, protetor solar para calçados, desodorizador de ar (afinal, o cliente não precisa sentir cheiro de graxa) e muitas revistas. Tem de fofocas e de assuntos sérios. Se o freguês for receptivo, gosta de conversar enquanto trabalha. Fala sempre de coisas que estão na mídia. Seu último assunto: a qualidade de vida no Lago Sul. Leu nas revistas que lá no outro lado da cidade o povo tem padrão de europeu. O cliente concorda. O papo vai longe.

O sonho do garoto de Taguatinga, já casado e sem filhos, é cursar Direito na UnB. Sabe que não tem chances agora. Ainda tem que terminar o ensino médio e fundamental. Se

Foto: Ricardo Borba



conseguir tempo, e dinheiro, faz o supletivo completo este ano. No próximo, tenta a UnB. “Isso até passar. Vão cansar de mim. Um dia eu consigo. Vou insistir muito nesse sonho.”

Com os clientes, todos, é muito carinhoso. Dos mais fiéis anota nome, telefone e data de aniversário. Guarda numa agenda em casa e sem- pre liga para desejar felicida-

des. Ainda sobre o terno — Zaqueu tem oito —, conta que não gostava do uniforme que usava quando trabalhava na Caixa Econômica. Era um colete azul, bem sem graça. Na

primeira oportunidade, usou o terno que ganhou de um amigo da família. “Terno para engraxar sapatos, Zaqueu?” É. Cada empresário tem o público que merece.

Fábio de Jesus Frazão Furtado, 27 anos

- Engraxate há 11 anos
- Gasta 12 minutos em um par de sapatos
- Cobra R\$ 2
- Está na barbearia do Senado Federal, 1º andar

Época de vacas magras. Fábio culpa a chuva e o recesso do Senado pelo pouco movimento na barbearia. Sente saudades de novembro e dezembro, quando a caixinha de Natal melhorou seu orçamento. Fábio não é funcionário da Casa. Não tem salário, 13º ou férias. Ganha por par engraxado.

Em um dia normal, são aproximadamente dez clientes. Em janeiro, pior época, aparecem cinco, seis pessoas. A jornada começa às 8h — ou melhor, deveria começar nesse horário. Fábio mora longe, no Novo Gama, e sacoleja mais ou menos hora e meia dentro do ônibus até chegar ao serviço. É raro o dia em que entra no horário, mas o chefe, seu Osório, é camarada, não reclama. O moço é competente: um dos melhores e mais falantes do lugar. Se precisar ficar até mais tarde, fica. Se precisar ajudar a um co-

lega que tem de sair mais cedo, ajuda.

Fábio Furtado conhece todos os corredores do Senado. “Mora” ali desde os seis. A mãe, faxineira do lugar, levava o filho para o trabalho. Muito quietinho e curioso, ficava por perto, perguntando, aprendendo. Aos 13, foi boy. Aos 14, estava na barbearia. Dos fregueses ilustres, lembra mais de Humberto Lucena (PMDB/PB), morto em abril de 1998. O senador quase nunca aparecia no lugar, mas mandava sacolas e sacolas de sapatos para engraxar.

O engraxate dos senadores anda arrumadíssimo, superlimpo, “no grau”, como ele mesmo diz. Nas unhas, nem sinal de restos de graxa. O sapato, sua vitrine, brilha. A calça jeans é clara, também sem sujeira. Diz que é assim que tem ser, isso em qualquer profissão. Para o futuro, planeja ter uma casa, terminar os estudos. Da vida de engraxate e dos amigos do Senado, não reclama. Mas por via das dúvidas também tem outro emprego: é vigilante em uma gráfica. Do Senado, claro.

Márcio Tenório da Silva, 16 anos Cícero Nelson Tenório Araújo, 15 anos

- Tio e sobrinho são engraxates há seis anos
- Gastam cinco minutos em um par de sapatos
- Cobram R\$ 1
- Estão 102 Sul, próximo ao Banco Central

Márcio passou para a 5ª série e Nelson desistiu da escola. Nem sabe quantas vezes repetiu de ano nem quais séries foram repetidas. A dupla, tio e sobrinho, mora em Luzânia, Alagoas de Maracá, estão no Entorno desde pequenos. Conhecem o Plano Piloto e seus restaurantes como a palma da mão. Nos pés, as sandálias gastas insistem em cair a todo momento. Não tem cola, prego ou duxer que dê jeito nas tiras. As costas doídas e as unhas pretas são resultado da desconfortável caixinha de madeira. Márcio está na segunda. A primeira, que ele mesmo fez, já arrebitou. Tinha o pé torto. Está guardada em casa como recordação do primeiro trabalho. Nelson ainda está na primeira, que comprou de um amigo.

Trabalham de terça a sábado. Na segunda, jogam bola com a garotada da rua. Num dia, Márcio entrega o faturamento, cerca de R\$ 30, para a mãe. No outro, guarda o dinheiro em um lugar secreto. Compra material da escola e de trabalho. Se pudesse, gastava tudo no videogame ou em roupas. Talvez uma chinela nova. Só que não pode ter esses luxos. Tem quinze irmãos em casa. A maioria bem pequena, gente que ainda não pode ajudar no orçamento da família. Nelson tem mais sorte. O dinheiro que ganha é dele.

A mãe e pai estão empregados. Juntos ganham cerca de R\$ 600 por mês. Márcio sonha arrumar um emprego onde ganhe R\$ 360. O salário, segundo ele, é justo, uma fortuna. Nelson não sabe o que vai ser quando ficar grande — os garotos falam assim mesmo, ficar grande. Quando era menor sonhava em ser policial. Vestir uniforme, prender bandido e usar revólver. Hoje está desiludido com a profissão. “Fazem greve sempre, né? Não pagam bem. Além disso é perigoso. Muito perigoso essa vida.”

